

# LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES E AS NOVAS PERSPECTIVAS DOS SABERES CIENTÍFICOS 3

ADAYLSON WAGNER SOUSA DE VASCONCELOS  
THAMIRES NAYARA SOUSA DE VASCONCELOS  
(ORGANIZADORES)

Atena  
Editora

Ano 2020

# LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES E AS NOVAS PERSPECTIVAS DOS SABERES CIENTÍFICOS 3

ADAYLSON WAGNER SOUSA DE VASCONCELOS  
THAMIRES NAYARA SOUSA DE VASCONCELOS  
(ORGANIZADORES)

Atena  
Editora  
Ano 2020

### **Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

### **Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

### **Bibliotecária**

Janaina Ramos

### **Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

### **Imagens da Capa**

Shutterstock

### **Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

### **Revisão**

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

## **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

## **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliariari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás

Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lillian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista



**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecária:** Janaina Ramos  
**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Correção:** Flávia Roberta Barão  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizadores:** Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos  
 Thamires Nayara Sousa de Vasconcelos

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L755 Linguística, letras e artes e as novas perspectivas dos saberes científicos 3 / Organizadores Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos, Thamires Nayara Sousa de Vasconcelos. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-664-5

DOI 10.22533/at.ed.645200712

1. Linguística. 2. Letras. 3. Artes. I. Vasconcelos, Adaylson Wagner Sousa de (Organizador). II. Vasconcelos, Thamires Nayara Sousa de (Organizadora). III. Título.

CDD 410

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

#### Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

contato@atenaeditora.com.br

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos.

## APRESENTAÇÃO

Em **LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES E AS NOVAS PERSPECTIVAS DOS SABERES CIENTÍFICOS – VOL. III**, coletânea de vinte capítulos que une pesquisadores de diversas instituições, se faz presente discussões de temáticas que circundam a grande área das Letras e dos diálogos possíveis de serem realizados com as demais áreas do saber.

Temos, nesse terceiro volume, dois grandes grupos de reflexões que explicitam essas interações. Neles estão debates que circundam estudos linguísticos; leitura e formação docente; e artes e suas nuances.

Estudos linguísticos, com quatro contribuições, traz análises uso de intensificadores, conectores discursivo-argumentativos, alteamento vocálico e análise crítica do discurso.

Em leitura e formação docente, com nove capítulos, são verificados estudos que versam sobre abordagens de leitura, mediação literária, emancipação do leitor, formação de leitores digitais, linguagem e interação, necessidades educacionais especiais, ensino de língua estrangeira, relações étnico-raciais, além de formação médica.

Nas artes e suas nuances, com seis leituras, são encontradas questões sobre o MUC-SP, o contemporâneo, Rodrigo Cunha, Amazônia, agroexperimentais, grafite, pichação e vinhetas.

Assim sendo, convidamos todos os leitores para exercitar diálogos com os estudos aqui contemplados.

Tenham proveitosas leituras!

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos  
Thamires Nayara Sousa de Vasconcelos

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
O USO DOS INTENSIFICADORES NO PORTUGUÊS BRASILEIRO	
Vinicius Guarilha Alves	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6452007121</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>18</b>
CONECTORES DISCURSIVO-ARGUMENTATIVOS: AS TEIAS DO SENTIDO	
Antonio Vianez da Costa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6452007122</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>35</b>
O ALTEAMENTO VOCÁLICO E A RELAÇÃO DE ESTIGMA E DE IDENTIDADE NO FALAR DOS <i>URBANITAS</i> BAIONENSES	
Divalda Mendes Rodrigues Pontes	
Benedita Maria do Socorro Campos-de-Sousa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6452007123</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>53</b>
VOZES FEMININAS, VOZES DE RESISTÊNCIA: REFLEXÕES A PARTIR DA ANÁLISE CRÍTICA DE DISCURSO	
Claudia Maris Tullio	
Marieli Rosa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6452007124</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>63</b>
AS DIVERSAS CONCEPÇÕES E ABORDAGENS DE LEITURA	
Karin Elizabeth Rees de Azevedo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6452007125</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>68</b>
O PROFESSOR DE LITERATURA COMO MEDIADOR DA LEITURA LITERÁRIA	
Ramon Borges Portilho	
Maria Eugênia Curado	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6452007126</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>81</b>
A MORTE DO AUTOR E A EMANCIPAÇÃO DO IMAGINÁRIO NO LEITOR	
Mirella Carvalho do Carmo	
Andréa Portolomeos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6452007127</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>89</b>
A PRÁTICA DOCENTE E A FORMAÇÃO DE LEITORES DIGITAIS: ORIENTAÇÕES DIDÁTICAS EM AULAS DE LINGUA PORTUGUESA	
Alba Helena Fernandes Caldas	

DOI 10.22533/at.ed.6452007128

**CAPÍTULO 9..... 104**

COLABORACIÓN GLOBAL: IDIOMAS Y TIC PARA CRUZAR FRONTERAS

Silvana Andrea Carnicero Sanguinetti

DOI 10.22533/at.ed.6452007129

**CAPÍTULO 10..... 122**

LINGUAGEM E INTERAÇÃO, TEORIA SOCIOCULTURAL E FORMAÇÃO DOCENTE

Cleber Cezar da Silva

DOI 10.22533/at.ed.64520071210

**CAPÍTULO 11..... 137**

RELATO DE EXPERIÊNCIA: LINGUAGEM E INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS E JOVENS COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS

Geize de Jesus Silva de Sousa

Jéssica Sousa de Oliveira Mendes

Marcos Antônio Fernandes dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.64520071211

**CAPÍTULO 12..... 151**

O USO DA FERRAMENTA *SKELL* COMO RECURSO PEDAGÓGICO PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES E O ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

Emanoel Henrique Alves

Giseli Aparecida Cecílio

Adriane Orenha-Ottaiano

DOI 10.22533/at.ed.64520071212

**CAPÍTULO 13..... 167**

AÇÕES PROPOSITIVAS DO PROGRAMA DE EXTENSÃO RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Demétrio Alves Paz

Jeize de Fátima Batista

Camila Knebel Fenner

Graziela Maiara Lunkes

DOI 10.22533/at.ed.64520071213

**CAPÍTULO 14..... 179**

EDUCAÇÃO SOMÁTICA E O SABER SENSÍVEL NA FORMAÇÃO MÉDICA

Eline Gomes de Araújo

DOI 10.22533/at.ed.64520071214

**CAPÍTULO 15..... 191**

O MAC-USP COMO PLATAFORMA PARA SE DISCUTIR O CONTEMPORÂNEO

Matheus Henrique Gonçalves Silva

DOI 10.22533/at.ed.64520071215

<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>199</b>
RODRIGO CUNHA: SÓLIDA SOLIDÃO NA CENA CONTEMPORÂNEA Sandra Makowiecky DOI 10.22533/at.ed.64520071216	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>209</b>
EXPERIENCIAR A AMAZÔNIA: A VERTIGEM DOS CORPOS NO ESPAÇO Orlando Franco Maneschy Guido Couceiro Elias Maria Christina Monteiro Barbosa DOI 10.22533/at.ed.64520071217	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>225</b>
AGROEXPERIMENTAIS EDUCATIVOS #1: O PROJETO JARDIM ANTROPOFÁGICO Isabela Nascimento Frade Monique das Neves Silva DOI 10.22533/at.ed.64520071218	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>238</b>
GRAFITE E PICAÇÃO: GÍRIA IMAGÉTICA? Waldemberg Araújo Bessa DOI 10.22533/at.ed.64520071219	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>251</b>
UM BREVE ESTUDO SOBRE AS VINHETAS Lídia Carla Holanda Alcântara DOI 10.22533/at.ed.64520071220	
<b>SOBRE OS ORGANIZADORES</b> .....	<b>255</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>257</b>

# CAPÍTULO 19

## GRAFITE E PICHAÇÃO: GÍRIA IMAGÉTICA?

*Data de aceite: 01/12/2020*

**Waldemberg Araújo Bessa**

Doutorado do Programa de Pós-graduação  
Stricto Sensu em Letras (PDLet UCS/UniRitter)  
do Centro Universitário Ritter dos Reis  
Associação UCS/UNIRITTER

Texto completo de trabalho apresentado na Sessão 11 – Quinta-feira, 12 de maio de 2016, 11:00 – 12:30 – Bloco B: Sala 214. Tema: LÍNGUA MATERNA: TEORIA do Eixo Temático 8 - ESTUDOS DE LINGUÍSTICA APLICADA do 4º Encontro da Rede Sul Letras, promovido pelo Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem no Campus da Grande Florianópolis da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL) em Palhoça (SC).

**RESUMO:** A história dos estudos sobre a gíria mostra apenas o contexto oral, com poucas referências à escrita e nenhuma às imagens. No entanto, nossas cidades estão repletas de imagens e imagens misturadas a textos. A proposta do presente trabalho é refletir sobre as imagens, principalmente o grafite e a pichação, objeto de estudo das Artes, mas que também merece toda atenção da área da linguagem, haja vista que as imagens, dentre outros gêneros, fazem parte da tipologia textual. Busca-se diferenciar os fenômenos, para que este trabalho, possa contribuir para o estudo de um segmento da linguagem ainda pouco discutido: o estudo dos textos visuais. A gíria, entrelaçada à pichação e ao grafite, mostrará sua dinamicidade tanto na forma como no conteúdo das imagens

que serão analisadas. Ainda merecem destaque os aspectos convergentes dessa aliança que ao final será chamada de gíria imagética. Observando a necessidade de criar um elo entre as pichações, o grafite e os conceitos de gíria de grupo e gíria comum, surgiu o interesse de pesquisar e aprofundar os estudos linguísticos e semióticos. Interessa analisar os conceitos e definições de ambos para que, após estudo possamos chegar ao ponto nodal entre essas duas ciências da linguagem.

**PALAVRAS-CHAVE:** Língua. Gíria. Pichação. Grafite.

### 1 | INTRODUÇÃO

Desde os tempos das cavernas, o homem, quando se estabeleceu como um ser pensante, começou a construir, de modo rústico, produtos culturais como músicas, pinturas, danças, esculturas e outras expressões artísticas. No desenvolvimento artístico da pintura, surge um período que completa a liberdade artística; ainda, percebe-se formas híbridas nos demais segmentos artísticos, inclusive na linguagem visual. Nos séculos passados, tinham-se um refinamento da pintura, as imagens deveriam expressar algo do autor, ou ainda reivindicar direitos e posturas modernas. Hoje, percebe-se que os objetivos são os mesmos, as reivindicações aumentaram, a multiplicidade de entendimento varia de acordo com a capacidade e com o conhecimento de mundo que cada um tem. Nesse novo milênio, têm-se novas

tendências artísticas, novas formas de linguagem, novos olhares para o novo.

Com o intuito de iniciar os estudos sobre a giria imagética, este, em específico dentro do grafite e da pichação, serão demonstrados alguns conceitos sobre estas artes de rua bem como suas respectivas diferenças. O objetivo é marcar traços entre a estética e as formas de protestos sociais, para tanto, faz-se necessário sabermos um pouco da sua história e como esses instrumentos são recepcionados pelo público em geral.

## 2 I BREVE HISTÓRICO DA PICHÃO E GRAFITE

Todo o processo artístico é relativamente lento, pois depende da intimidade alcançada entre homem e trabalho para que os resultados estéticos sejam satisfatórios. Talvez, um dia, todo o centro urbano, apesar de caótico, possa vir a ser uma grande galeria de arte a céu aberto (GITHAY, 1999, p. 77-8).

É sabido por todos, talvez não percebido por muitos, que o grafite e a pichação existem desde o surgimento da humanidade. Os homens pintavam as paredes das cavernas para se comunicar, utilizavam imagens como adereços decorativos e ainda historiografar os acontecimentos da vida cotidiana. As pinturas e inscrições pré-históricas marcam o início da comunicação entre os povos. Os egípcios já faziam arte nas paredes das pirâmides e o mesmo acontecia no Palácio de Assurbanipal na Mesopotâmia. Em ambos os locais, o poder e a autoridade do rei vigente eram registrados em cenas de batalhas expostas nos murais e paredes, exibiam suas vitórias, demarcavam territórios e empunhavam sua hierarquia. Essas eram suas formas de se expressar. O grafite tornava-se um instrumento de registro. A esse respeito,

Ao nos referirmos à palavra grafite, remetendo-nos imediatamente às pinturas que proliferam pelas ruas das cidades, principalmente nas metrópoles. No entanto, até certo ponto, podemos entender que grafite é tudo o que já foi citado (pinturas pré-históricas, relevos mesopotâmicos, afrescos egípcios), no entanto, a noção sócio-política intrínseca ao grafite, e que importa para nós, vai surgir mesmo na Antiguidade Clássica, com exemplos principalmente em Roma, já que foram preservados em Pompéia (SINIUR, 2011, p.57)

Pelo ato da comunicação, o homem passou a utilizar as imagens para defender suas ideias, impor suas regras, fazer propaganda de seus atos heroicos ou de sobrevivência e mais adiante, dos seus produtos. A criptologia surge com o intuito de decifrar as mensagens ocultas de forma intencional ou ainda, as supostas aleatórias. Muitas dessas mensagens eram ofensas a inimigos e somente um grupo fechado detinha o conhecimento de interpretar tais mensagens. Isso ocorreu na



antiguidade na cidade de Pompéia, localizada no Império Romano a 22km da cidade de Nápoles, na Itália. Na época, destruída por uma erupção vulcânica, o vulcão Vesúvio entrou em trabalho aos 24 de agosto do ano 79 d. C. As consequências desse fenômeno natural foi uma chuva de cinzas que enterrou completamente a cidade. Ela somente foi reencontrada 1600 anos depois do ocorrido. As cinzas transformaram pessoas em estátuas, moldaram corpos e permitiu encontrar seus habitantes do modo exato em que foram atingidos pelo Vesúvio. Segundo Endo, “*A erupção do vulcão Vesúvio preservou inscrita nos muros da cidade de Pompéia, que continham desde xingamentos até propaganda política e poesias.*” (ENDO, 2009, p.7).

Durante escavações puderam encontrar pichações feitas nas paredes externas das casas com diversos teores referindo-se a ofícios e associações profissionais: vendedores de roupas, joias, frutas, taberneiros, alfaiates, cocheiros, donos de padarias, tabernas e até professores. Nesse instante, os habitantes de Pompéia dialogavam prazer, lazer e início de emancipação social e sexual das mulheres romanas. O instrumento utilizado para divulgar o início da igualdade entre os populares foram os muros e paredes externas de casas, registrando assim o cotidiano da vida romana. Os protestos e reivindicações compunham o aspecto sócio-político no qual os anúncios, críticas, insultos, recados, sátiras e declarações amorosas faziam parte do grafite da cidade. Foram encontradas nesse sítio arqueológico cerca de 15.000 imagens com características de grafites, esse número pode ser maior e esse acervo deve aumentar de acordo com as novas escavações. O material encontrado eram tantos que, assim como hoje, a cidade tinha que passar por diversas “limpezas”, apagando os velhos grafites dando margem para novos. Característica da efemeridade desta ação.

A pichação interage com a religião na Idade Média, assim como o grafite dialoga com rituais religiosos demonstrando harmonização entre o profano das ruas e o religioso das igrejas. A esse respeito, Endo afirma que “*Na Idade Média, padres pichavam os muros de conventos rivais no intuito de expor sua ideologia, criticar doutrinas contrárias às suas ou mesmo difamar governantes*” (ENDO, 2009, p.7). A necessidade de se comunicar, de expressar seus manifestos vai além do caráter artístico. O intuito documental e religioso mostrava como o homem tem o desejo de deixar registrado seu diálogo, pedidos e agradecimento à Deus.

Esses são alguns indícios que mostram como é antiga a necessidade que a humanidade tem em se manifestar, seja num caráter artístico, documental ou religioso (como era usado em rituais). O uso da parede para esses fins o acompanha logo após seu surgimento. A diferença entre a arte rupestre e os registros das antigas civilizações européias para com os graffitis atuais, está nos materiais utilizados para se transpor as diferentes expressões humanas, seja através da mistura

de sangue com argila e excrementos, seja por tinta spray. (SILVA, 2013, p. 7).

Endo (2009, p.8) explica o grafite e a arte rupestre como sendo basicamente artes, nelas existem codificação própria de cada tribo, no qual evidenciam sua época (aspecto temporal). Uma manifestação visual distinta, porém, desenvolvidas com significados simbólicos e culturais para aqueles que faziam ou fazem parte de sua estética e linguagem.

Os túneis, locais de passagem e travessia, podem simbolizar mudanças ou início de vida nova, momento de transição entre o velho e o novo, a iniciação do indivíduo em um novo mundo, eis o porquê pichadores e grafiteiros deixam suas marcas nesses locais. Chevalier/Greerbrant (1990, p. 915-916) destaca:

Via de passagem que encontramos em todos os ritos de iniciação... Túneis atravessam montanhas sagradas, templos e zigurates nos conduzem até elas... O túnel é o símbolo de todas as travessias obscuras, inquietas e dolorosas, que podem desembocar em outra vida. Daí a extensão do símbolo à matriz e a vagina da mãe, à via iniciática do recém-nascido.

Da mesma forma, *a porta da igreja é passar do profano para o sagrado; atravessar a porta de uma residência, é ir do público para o privado* (RAMOS, 1994, p. 147). Esses locais, assim como as encruzilhadas e retornos de avenidas, são ambientes místicos que os grafiteiros e pichadores procuram registrar suas mensagens. Nesses locais podemos encontrar cruzeiros, obeliscos, capelas, estátuas e coretos. No que se refere às encruzilhadas, pode-se destacar:

A importância simbólica da encruzilhada é universal. Liga-se à situação de cruzamento de caminhos que a converte numa espécie de centro do mundo. Pois, para quem se encontra numa encruzilhada, ela é, nesse momento, o verdadeiro centro do mundo... Nas tradições de todos os povos, a encruzilhada é o lugar onde se erigiam obeliscos, altares, pedras, capelas, inscrições (CHEVALIER/GREERBRANT, 1990, p. 367).

O mesmo ocorre nos dias atuais: os grafiteiros e pichadores procuram locais disponíveis para expor sua arte/não arte. A cultura urbana começa a surgir como um tsunami, invadindo locais privados (casas), instituições religiosas e locais públicos. Seu início deu-se nos bairros pobres das cidades americanas em meio à crise econômica – quebra da bolsa de Nova York, em 1929 -, a expansão dos grandes centros urbanos e como consequência desta ação, a questão geográfica, remete os novos habitantes a periferia. O grafite e a pichação vieram dar resposta à exclusão social, ao combate ao racismo e aos diversos tipos de preconceito existentes. As formas de reivindicações rompem a barreira da escrita tradicional e no final da década de 1970 juntam-se outros gêneros para fortalecer a cultura urbana.

Nas ruas, além dos grupos de break que se ampliam, ganham expressão e visibilidade, estão os MCs dos grupos de rap, os DJs e os grafiteiros. Consolida-se aí a junção das quatro linguagens artísticas que sustentam, ainda hoje, o que se denomina como hip-hop ou movimento cultural hip-hop. Essas linguagens estão materializadas em quatro figuras, a saber: o MC, o DJ, o dançarino e o grafiteiro (SOUZA, 2011, p. 73).

O grafite surge como uma das vertentes da cultura urbana, no final da década de 1960, os jovens nova-iorquinos do Bronx consagram esse gênero como arte e passam a trabalhar não mais com carvão ou instrumento pontiagudo, agora com tintas spray, desenvolvendo uma forma de expressão colorida e muito mais rica em detalhes. As mensagens passam a ter muito mais clareza para os grupos que detinham o conhecimento criptológico e os demais, apenas visualizavam o jogo de cores. Com relação às cores, *“Vermelhos, laranjas, cinzas, azuis cerúleos, rosas e amarelos brilhantes são cores assimiladas no Brasil. Explodirão nos grafites dos anos 80 e identificarão seu estilo”* (ROTA-ROSSI, 2013, p. 77).

Após a Segunda Guerra Mundial, o aerossol também conhecido como spray populariza-se, dava maior agilidade e mobilidade aos atos de pichação e posteriormente, os grafites. Em 1968 na revolta estudantil realizada em Paris, o spray torna-se o instrumento principal para compor e interpor os protestos contra as instituições universitárias. Um ano após, as ruas de Los Angeles aparecem pichadas, tais atos almejavam a demarcação e disputa de territórios pelo tráfico de drogas. Nesse instante, a pichação transformava-se em instrumento de violentas gangs rivais, de um lado os *Bloods* cuja característica era a cor vermelha e do outro os *Crips* representado pela cor azul. Essa disputa tomou grandes proporções e até hoje, a pichação possui essa e outras finalidades.

Mas não foi só na Europa que as gangs disputavam territórios, o mesmo ocorreu em São Paulo com o aparecimento do *hip hop* no qual os nomes das gangs posteriormente foram decifrados como “FATAIS” e “COMANDOS VINNIE”. Tais mensagens *“na maior parte das vezes, são hipocônicas e escapam, assim, a qualquer significação aparente, servindo apenas de código cifrado e secreto para os participantes do ‘jogo’ ou ‘guerra’ de ‘gangs’...”* (RAMOS, 1994, p. 74).

No Brasil, início dos anos 70, o grafite começa a ser estudo por pesquisadores e estes diferenciam as décadas em gerações. Assim, a década de 70 seria a primeira geração e a de 90 a terceira. Na década de 70, surge a primeira experiência de AlexVallauri nos muros externos da cidade de São Paulo. Poemas e frases marcam o grafite e a pichação e surgem com palavras de amor, palavrões, pornografia e críticas à propaganda e a política. Rota-Rossi cita:

Havia críticas políticas bem-humoradas, como “ventos estomacais moverão moinhos nos planaltos centrais”; ou alguma frase mais

direta, do tipo “não basta cuspir, temos que vomitar”. O amor, é claro, também marcava presença – “a boca que tanto beije agora me nega um sorriso (2013, p.148).

No mesmo período, o artista plástico Cláudio Tozzi procurava incentivo financeiro para fazer um mural no qual mostraria uma zebra pintada com poliuretano sobre chapas de zinco na parede alta do prédio de n.º 242, da Praça da República. Em 1974 a prefeitura da cidade autorizou pintar as pilastras do Minhocão com uma gaivota simulando um voo mais ou menos rápido conforme a velocidade do motorista.

Quanto à origem exata da pichação, não se sabe exatamente quando começou apenas que “*a pichação tem suas origens perdidas no tempo e no espaço*” (RAMOS, 1994, p. 65). O que se sabe é que a pichação antecede o grafite, sabe-se também que todo grafiteiro foi ou tem todos os instrumentos para produzir a pichação, pois as formas desprendidas de normatização caracterizam-se a pichação como não arte. Ramos (1994, p.65) descreve a possível evolução da pichação ao grafite:

Esporádicas e anteriores aos grafites, as pichações evoluem e se fixam na cidade, na trilha dos grafites. De individuais e anônimos, hoje muitos, a exemplo dos grafites – que foram valorizados como arte e acabaram nas Bienais – organizam-se em “gangs”, começam a mudar seus códigos; aprendem a desenhar, combinar cores, selecionar imagens e locais.

Em depoimento à TV Cultura, canal 2, programa Fanzine (1993) Juneca (apud RAMOS, 1994, p. 65) esclarece como foi seu começo. “*Tudo começou com a pichação, foi assim que eu comecei a interferir na cidade; com o amadurecimento, comecei a desenvolver o desenho*”. As pichações vão desde as letras simples de protesto a formas bem mais elaboradas, com misturas de cores e preocupação ou não da estilística. Os rabiscos ou garatujas informais podem fazer parte das pichações, a não escrita, o não código pode compor as interferências entrópicas. Os loucos, os analfabetos, os excluídos ou os que querem negar os sistemas convencionais fazem com que as garatujas sejam os instrumentos dos não iniciados aos padrões linguísticos preestabelecidos, igualando estes as crianças em fase de alfabetização. Toda essa não escrita realizada pelos elencados acima pode ser interpretada como resposta a normatização das regras sociais estabelecidas em cada sociedade e que os pichadores a utilizam com toda perfeição.

As mensagens relatadas nas pichações em São Paulo vão desde a incentivação de protesto bancário cujo teor tem caráter político a ofensas pornográficas direcionadas a virilidade do paulistano. Não se pode esquecer que as mensagens de amor também fazem parte desse leque de opções que a pichação

possui. Elas podem surgir de gangs ou ter seu caráter individualizado. “São muito comuns e antigas as pichações com mensagens de amor. Em São Paulo, estas mensagens são frequentes e podem partir de “gangs” ou ter um caráter individual.” (RAMOS, 1994, p. 71). Logo, pode-se afirmar que tanto o grafite quanto a pichação são trabalhos sociais cujo o foco é a mudança da sociedade.

Décio Pignatari compara o surgimento do grafite em Paris, Nova York e Brasil, relatando as diferentes origens de cada um. “(...) a novidade estaria assim: Paris, maio de 68, FILÓSOFOS, e NY, 60 a 70, ARTISTAS VISUAIS, e no Brasil, São Paulo particularmente, POETAS, e essa é a sua grande originalidade, pois a massa de iniciativa por aqui, foi comandada por poetas” (RAMOS apud Fonseca, s/d, p.41). Essa comparação torna-se importante, pois sabendo de qual fonte emerge o grafite no qual pode-se mensurar, ainda que abstrato seja seu valor social, as diversas composições cognitivas dessa arte contemporânea.

Essas artes contemporâneas, quer seja feita com preocupação estética, quer seja como comunicação transgressora possuem um contexto social semelhante. Elas visam uma mudança na paisagem urbana, tais ações tendem a repercutir nos atos político-sociais. As críticas e sátiras realizadas com esses instrumentos refletem uma parte da sociedade excluída, muitas vezes a margem, mas esses conceitos são questionados, pois alguns grafiteiros ultrapassaram essa margem e hoje são artistas consagrados. O mesmo não acontece com os pichadores, eles são discriminados por causarem poluição visual e transgressões na paisagem urbana. “‘PICHANÇA’ associar-se-ia, nesse sentido, à poluição visual urbana” (RAMOS, 1994, p. 19). Os termos *poluição visual* e *transgressões na paisagem urbana* reflete apenas uma ação do ato executado, mas se perguntarmos a esses cidadãos o que motivou a execução poderemos entender com maior precisão os clamores de uma classe onde tudo falta e nada se faz para melhorar essa situação. A resposta para as não ações governamentais surgem de forma pacífica, sem agressões ao cidadão, sem violência a humanidade. O que eles defendem é um direito de resposta. A famosa lei da física: ação versus reação.

(...) o ato de pichar é um efeito colateral do sistema. É a devolução, com ódio, de tudo de ruim que foi imposto ao jovem da periferia. Muitos garotos tratados como marginais nas delegacias, mesmo quando são vítimas, ridicularizados em escolas públicas ruins e obrigados a viajar num sistema de transporte de péssima qualidade devolvem essa raiva na forma de assaltos, seqüestros e crimes. O pichador faz isso de uma maneira pacífica. É o jeito que ele encontrou de mostrar ao mundo que existe (WAINER, 2005, p. 98).

O governo está acostumado a criar ações, fazer atos e executar projetos que nem sempre resolvem os problemas atuais. Na ambição de ganhar lucros, importando e exportando produtos, destruindo áreas de preservação ambiental,

muitos deles visam lucros pessoais e a separação em classes sociais ficam cada vez mais evidente. A resposta para tamanha desigualdade social vem das mãos do pichador: *a poluição visual*.

No Brasil, a diferença entre pichação e grafite torna-se bem mais clara quando sabemos o limite de cada uma. Em princípio, o grafite é bem mais elaborado com preocupação estética definida, as mensagens transmitidas aparentemente lúdicas podem traduzir todo contexto político-social, tais mensagens são vistas como expressão artística contemporânea e são respeitados e admirados pelo poder público e demais segmentos da sociedade. GITAHY (1999, p. 17-8), elenca algumas características da linguagem do grafite, diferenciando as estéticas das conceituais.

### 3 | CARACTERÍSTICAS ESTÉTICAS

- Expressão plástica figurativa e abstrata
- Utilização do traço e/ou da massa para definição de formas
- Natureza gráfica e pictórica
- Utilização, basicamente, de imagens do inconsciente coletivo, produzindo releituras de imagens já editadas e/ou criações do próprio artista.
- Repetição de um mesmo original por meio de uma matriz (máscara), característica herdada da pop art.
- Repetição de um mesmo estilo quando feito à mão livre

### 4 | CARACTERÍSTICAS CONCEITUAIS

- Subversiva, espontânea, gratuita, efêmera;
- Discute e denuncia valores sociais, políticos econômicos com muito humor e ironia;
- Apropria-se do espaço urbano a fim de discutir, recriar e imprimir a interferência humana na arquitetura da metrópole;
- Democratiza e desburocratiza a arte, aproximando-a do homem, sem distinção de raça ou de credo;
- Produz em espaço aberto sua galeria urbana, pois os espaços fechados dos museus e afins são quase sempre inacessíveis.

Quanto a pichação, considerada como transgressiva, visualmente agressiva e, muitas vezes utilizada como instrumento de protesto, contribui para a poluição

visual das cidades, degradando assim os espaços urbanos, quer seja público ou privado.

Normalmente, a pichação parece ser desprovida de valor artístico sem preocupação para tal. Caracteriza-se pelo valor repetitivo, uma vez que repetem a mensagem em diversos pontos da cidade e ainda, desprezada de elaboração; possui uma execução rápida realizada em locais proibidos e executada preferencialmente à noite. Em depoimento, Matuck (1992) nos relata um momento de transição entre a pichação e o grafite.

A gente fazia isso: às onze horas da noite escolhia um muro legal, fazia um esboço, onde tinha uma janela, porta, entrada da loja, produzíamos máscaras só para isso, e depois voltávamos às três da madrugada e trabalhávamos umas duas horas nesse local...não sacaneávamos a comunicação da loja, mas completávamos, dialogávamos com ela (RAMOS, 1994, p. 99).

Essa operação rápida visava transmitir uma mensagem instantânea, cujo os caracteres ou símbolos são entendidos por grupos fechados, uma espécie de hieroglíficos no qual o aspecto criptológico torna-se sua marca registrada. Já o grafite populariza-se e a prefeitura de São Paulo,

(...) com o desejo de institucionalizar estas manifestações de transgressão (grafite e pichação), tem organizado grupos de pintores da cidade, “grafiteiros” não transgressores, que saem em grupos nos caminhões da Prefeitura e “grafitam” os espaços previamente permitidos (RAMOS, 1994, p. 18).

Nos anos 90, com identificação já definida, o anonimato foi praticamente extinto. A pichação começa a ter letras desenhadas, próprias, diferente dos rabiscos realizados nos anos 70 e 80. Os pichadores procuravam letras diferentes com quebras lembrando o estilo gótico. As mensagens eram codificadas quase indecifráveis, a presença do elemento criptológico marca a união entre o grafite, pichação e gíria. A ideia era: não ser entendido por todo mundo, assim ficaria fácil transmitir mensagens de um grupo para outro. A cidade de São Paulo registra uma intensa propagação alastrando-se também pelo interior. A pichação torna-se o maior movimento social de manifestação e interferência na paisagem urbana.

O respeito entre as artes de rua torna-se um pilar ético, em geral, a convivência entre pichadores e grafiteiros é harmoniosa, muitos grafiteiros originaram-se da pichação. As ações de cada uma dessas artes possuem um código de respeito, elas dialogam-se, mas não interferem nas ações das outras.

## 5 | GÍRIA IMAGÉTICA?

Nos estudos feitos sobre gíria é comum pensarmos ela como instrumento de variação linguística, como linguagem até então oral e, em alguns casos, em textos escritos, mas será mesmo que a gíria se restringe a somente esses dois segmentos da linguagem? Se a imagem surgiu muito antes da escrita e compartilha dos atos da fala, será que nas imagens não existem gírias? Se a gíria tradicional delimita um grupo fechado, as imagens do grafite e da pichação não selecionam o grupo que apreciam tal arte? Os indícios e os pontos comuns sobre a existência das gírias imagéticas nessas artes de rua se aproximam a cada análise feita. Poucos tem o privilégio de enxergá-las como gírias e diferenciá-las das artes de rua. É bem verdade que ela surge no seio dessas artes, completando-as e ao mesmo tempo diferenciando-as das outras linguagens. Se a gíria tradicional possui um arcabouço cercado de preconceito linguístico imaginem a sua expansão nas imagens, acredita-se que poucos linguistas poderiam usar o termo como evolução da linguagem. Termo complexo que instiga maiores investigações.

Mas só se investiga quando existem indícios consistentes, ninguém quer perder seu tempo lendo algo infundado, então o que dizer das gírias imagéticas? Uma linguagem alternativa no qual poucos têm acesso devido o conhecimento de mundo restrito das pessoas? Uma linguagem das artes visuais que o mundo das artes já sabia que existia, mas não divulgava para as outras ciências? Ou ainda uma forma de linguagem nascida desde o surgimento do homem como um ser pensante no qual precisava se comunicar com seu grupo para suprir suas reais necessidades? O leque de necessidades se amplia no mesmo modo como se amplia os caminhos da comunicação. A linguagem possui ruas, avenidas amplas e estreitas, de mão dupla com uma ou várias faixas para se percorrer, becos, labirintos, travessas e BRs no qual quem transita nelas escolhem onde e com quem compartilha suas informações.

Se usamos menos de uma terça parte do cérebro para desenvolver os nossos conhecimentos cognitivos imaginem se usarmos cinquenta ou cem por cento da sua capacidade, quantos caminhos da linguagem encontraríamos? Passo a passo descobrimos que o ato de se comunicar vai além da fala e da escrita e que como qualquer texto escrito, as imagens precisam ser decodificadas. O mundo é feito de signos linguísticos, quer seja ícones, índices ou símbolos. Os artistas da arte urbana trabalham com esse tripé da Semiótica e o seu sucesso depende de como enfatiza cada segmento, apesar de ter um público alvo suas mensagens também são direcionadas para seu grupo até então fechado. O jogo de informações é um forte instrumento de reivindicações. A mistura de cores pode até parecer lúdico, mas não se engane, mensagens de protesto e de amor são transmitidas a cada muro



grafitado ou pichado. A linguagem única e efêmera, mostra como a mudança social ocorre e de que forma ela só ocorre se for pressionada.

Os atos voluntários e obrigatórios a cada ano diminuem e aquilo que deveria ser feito por nossos governantes só são quando veem as paredes pichadas ou quando se deslumbram com a variedade de cores do grafite. Uma imagem vale mais que mil palavras, mas nossas leis não são feitas de imagens, nem tampouco só e exclusivamente da fala. Esse é o jogo da linguagem, o jogo da dominação da escrita. Contudo e não menos importante, as imagens tornam-se objetos da escrita e da fala, as ações são feitas de imagens e falas, logo, deve-se contemplar as três formas da linguagem com igual importância, igual valor. As gírias transitam por essas três formas com maior ou menor grau, depende da intencionalidade do ato de se comunicar.

O desapego do texto escrito muitas vezes significa o romper de algo que perpetuamos, contemplar uma gíria imagética, muitas vezes é sair “desse mundo seguro e confortável para o outro, confuso e penoso” (TEIXEIRA, p.299, 2008). Se fazer leitura de textos visuais já se torna difícil, por diversos princípios metodológicos que essa arte possui e que poucos tem acesso imaginem descobrir algo que, pela sua essência, muitos não veem com bons olhos. Calvino (p.142, 1996) assim descreve sua nova fonte de inspiração: “ É para fazer funcionar de novo minha fábrica de palavras que devo extrair novo combustível dos poços do não-escrito”.

As imagens devem trazer sensações que o texto escrito apenas descreve, as gírias imagéticas devem refletir a linguagem de um grupo e esse reflexo, nada mais é do que outra imagem daquilo que entendemos como verdade, afinal para que serve o reflexo do espelho senão mostrar uma imagem da verdade invertida? As pessoas veem aquilo que quer ver no espelho, do mesmo modo são as gírias, quer seja falada, quer seja refletida em forma de imagens. “Num mundo de tantos e tão diversificados apelos visuais, é preciso submeter-se ao impacto das sensações, desfazendo a proteção imposta pelas palavras...” (TEIXEIRA, p.299, 2008).

Contudo, Preti (p.66, 2004) trabalha com uma classificação um tanto simples, porém eficiente para o estudo das gírias. Ele afirma que as gírias tradicionais se dividem em gíria de grupo e gíria comum. A gíria de grupo, limita-se a um grupo restrito, “reúne pessoas que se afastam, da maioria, seja pelo inusitado, seja pelo conflito que estabelecem com a sociedade” (p.160, 2010). As gírias encontradas no grafite e na pichação trabalham com essa característica, pois para os mais tradicionais a pichação afasta a sociedade e aproximam os componentes do grupo. Os mais liberais veem o grafite como arte de rua, que podem até afastar a sociedade do entendimento geral, pois muitos não sabem ou não conseguem fazer uma leitura proficiente, o instrumento que eles trabalham é o conflito e o inusitado, talvez seja por isso que as gírias imagéticas sejam tão confusas e penosas de entende-las.

No que tange a gíria comum, no qual o signo de grupo perde seu caráter criptológico, a sociedade consegue identifica-la, ela mistura-se com a linguagem comum, incorporando-a ao vocabulário popular e, futuramente aos nossos dicionários (cf. Caradec, 1988). “Daí a necessidade de substituí-la por palavras novas, o que gera uma efemeridade constante do fenômeno gírio, uma de suas marcas características, que o identifica com a grande mobilidade dos costumes da época contemporânea” (PRETI, p.161, 2010). Com essas mesmas características, as gírias no grafite de São Paulo, mais precisamente na Vila Madalena, trabalham com essa constante mudança. O Beco do Batman, nascido na década de 1980 reúne trabalhos de diversos artistas de rua, onde pelo menos uma vez ao mês os grafiteiros renovam seus trabalhos. Essa é a prova da efemeridade do fenômeno gírio nas imagens.

A linguagem é por natureza um fenômeno social, criada para nos comunicarmos, ela serve de interação entre indivíduos de um grupo que pode demonstrar instrumento de defesa, protesto e reivindicação. Os usuários da gíria compartilham dos seus conhecimentos de diversas formas, pela fala, escrita e por imagens, todas elas com construção metafórica. O poder que a gíria possui serve tanto de inclusão quanto de exclusão social. Os paradoxos criados pela sociedade rotulam e enchem esse fenômeno linguístico de preconceito, mas como a língua está em constante movimento a gíria imagética surge como mais uma ferramenta de uso, mais um instrumento que veio das artes de rua não para substituir o tradicional, mas para acrescentar e somar novos princípios de leitura dos textos visuais.

## 6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o percurso do desenvolvimento do grafite e da pichação notou-se o quanto a sociedade localizada à margem continua discriminada. As reivindicações e as exposições das suas obras refletem a indignação daqueles que almejam oportunidades igualitárias. Diferentemente dos crimes contra a vida, a pichação não se enquadra nos parâmetros artísticos, é um crime contra o patrimônio público ou privado no qual as sanções são expressas em lei, tais ações podem até ser revolucionárias, mas desagrada a maior parte do grupo seletivo artístico.

Transgressora, com linguagem visual violenta, a pichação veio para demarcar território, expor ideias daqueles que se sentem excluídos. Os pichadores reivindicam melhorias estruturais nas escolas, nos hospitais e nas demais partes dos centros urbanos, sobretudo na periferia, ou seja, exigem dos governantes uma melhor qualidade de vida.

As gírias imagéticas, bem como a poesia, podem até andar lado a lado com lúdico e com o abstrato, podem expor uma linguagem visual alternativa no qual

poucos conseguem decodificar. A leitura de textos visuais, em específico as gírias do grafite e da pichação visam a contemplação e a concentração do conhecimento de mundo, mas sobretudo a identificação da personalidade de um grupo, e essa característica não foi criada exclusivamente a ela, pois a sua existência vem das gírias tradicionais. A criptologia dessas mensagens mostra como é bela a nossa linguagem, o quanto o novo sempre se renova e o quanto o belo sempre se modifica.

## REFERÊNCIAS

CALVINO, I. *A palavra escrita e a não-escrita*. In: FERREIRA, M. M e AMADO, J. (Org.). Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

CARADEC, François. Introduction. In:\_\_\_\_\_. *N'ayons pas peur des mots. Dictionnaire de Français argotique e populaire*. Paris: Larousse, 1988.

CHEVALIER, Jean, Greerbrant. *Dicionário de Símbolos*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Olympio, 1990.

CRUZ, Dayse Martins da, ELIAS, Maria Teresa Costa. *Grafite e pichação – que comunicação é esta?* Florianópolis: LINHAS, v. 9, n. 2, p. 95 – 112, jul. / dez. 2008. Acessado em 20.02.2016. Disponível em: [www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/download/.../1158](http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/download/.../1158).

ENDO, Tatiana Sechler. *A pintura rupestre da pré-história e o grafite dos novos tempos*. São Paulo, 2009. Disponível em <<http://www.usp.br/celacc/ojs/index.php/blacc/article/view/215>>. Acessado em 09/02/2016.

GITAHY, Celso. *O que é graffiti*. Brasiliense, 1999. (Coleção Primeiros Passos).

PRETI, Dino. *Inclusão e exclusão social pela linguagem: a gíria de grupo*. In: BENTES, Anna Cristina & LEITE, Marli Quadros (orgs.). *Linguística de texto e análise da conversação: panorama das pesquisas no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2010.

RAMOS, Célia Maria Antonacci. *Grafite, pichação & Cia*. São Paulo: ANNABLUME, 1994.

ROTA-ROSSI, Beatriz. *Alex Vallauri: da gravura ao grafite*. São Paulo: Editora Olhares, 2013.

SINIHUR, Rosa Maria Alves. *Da pichação ao grafite na escola: a humanização do educando em um projeto de arte-educação em uma Escola Pública Estadual no interior de São Paulo*. Americana: Centro Universitário Salesiano de São Paulo, 2011. Dissertação (Mestrado em Educação). UNISAL – SP.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. *Letramentos de reexistência: poesia, grafite, música, dança: Hip-Hop*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

TEIXEIRA, Lucia. *Leitura de textos visuais: princípios metodológicos*. In: BASTOS, Neusa Barbosa (org). *Língua Portuguesa: lusofonia – memória e diversidade cultural*. São Paulo: EDUC, 2008.

WAINER João. *Pichação é arte*. Super Interessante, São Paulo, n. 213, abril/maio 2005.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Alteamento vocálico 35, 36, 39, 50

Amazônia 36, 48, 50, 51, 52, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 217, 218, 219, 220, 222, 223, 224

Análise crítica do discurso 53, 54, 62

Artes 2, 171, 201, 204, 205, 206, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 218, 223, 224, 225, 230, 234, 237, 238, 239, 241, 244, 246, 247, 249

Autor 23, 24, 25, 28, 69, 72, 81, 82, 83, 85, 86, 87, 92, 93, 94, 105, 124, 125, 127, 132, 133, 154, 169, 172, 184, 206, 207, 208, 234, 238

### C

Conectores 18, 19, 20, 22, 23, 24, 27, 28, 30, 31, 32, 33

### E

Educação básica 91, 95, 99, 102, 140, 153, 155, 163, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 174, 175, 177

Emancipação 81, 240

### F

Formação de leitores 89

Formação docente 89, 122, 123, 129, 132, 137

Formação médica 179, 180, 181, 184, 186, 188

### G

Gíria 238, 239, 246, 247, 248, 249, 250

Grafite 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250

### I

Imagem 59, 98, 101, 126, 143, 144, 146, 148, 161, 187, 189, 194, 205, 208, 212, 214, 215, 216, 219, 220, 222, 247, 248

Intensificadores 1, 2, 3, 8, 9, 14, 15, 16, 172

### L

Leitor 26, 27, 68, 69, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 81, 82, 83, 85, 86, 87, 89, 91, 93, 94, 97, 101, 102, 103, 141

Leitura 43, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 83, 87, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 123, 132, 135, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 146, 150, 167, 168, 169, 170, 173, 174, 175, 177, 183, 199,

248, 249, 250, 255

Letras 2, 29, 33, 34, 50, 51, 52, 56, 60, 62, 67, 80, 87, 136, 137, 138, 139, 141, 150, 164, 169, 174, 175, 189, 190, 208, 218, 238, 243, 246, 255

Língua estrangeira 1, 129, 133, 151, 153, 154, 158, 162

Linguística 2, 33, 36, 37, 39, 43, 50, 52, 55, 89, 91, 93, 95, 103, 135, 136, 140, 151, 152, 153, 154, 156, 157, 163, 164, 238, 247, 250, 255

Literatura 65, 66, 68, 69, 70, 72, 73, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 86, 87, 88, 103, 109, 112, 137, 142, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 176, 177, 178, 191, 254, 255

## **N**

Necessidades educacionais especiais 137, 140, 141

## **P**

Perspectivas 2, 37, 65, 88, 95, 102, 125, 169, 213, 223

Pichação 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250

Prática docente 70, 89, 90, 101, 122, 123, 133, 134, 135

## **R**

Relações étnico-raciais 167, 168, 169, 171, 174, 177, 178

## **S**

Saberes científicos 2

Sentido 10, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 27, 29, 30, 31, 32, 33, 48, 54, 57, 64, 69, 71, 72, 74, 77, 82, 85, 86, 87, 89, 93, 94, 95, 96, 97, 100, 101, 102, 103, 110, 123, 125, 126, 127, 128, 129, 140, 156, 170, 182, 190, 193, 194, 205, 216, 229, 231, 232, 233, 235, 244

## **V**

Vinhetas 251, 252, 253, 254

# LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES E AS NOVAS PERSPECTIVAS DOS SABERES CIENTÍFICOS 3

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

# LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES E AS NOVAS PERSPECTIVAS DOS SABERES CIENTÍFICOS 3

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

@atenaeditora 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 